

O ESTADO DA ARTE EM TORNO DO DEBATE SOBRE O TERRITÓRIO E A SOCIEDADE DO MARANHÃO: UMA PROPOSTA DE PERIODIZAÇÃO (SÉCULOS XVII - XXI)

Cristiano Nunes Alves¹

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
São Luís, MA, Brasil

Livia Cangiano Antipon²

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas, SP, Brasil

Enviado em 26 jul. 2022 | Aceito em 28 jul. 2023

Resumo: Buscamos, por meio de uma proposta de periodização, apresentar e discutir o movimento de produção do conhecimento sobre os aspectos humanos do território e da sociedade do Maranhão, em consonância com as dinâmicas da *situação geográfica* estadual e da *formação socioespacial* brasileira, entre os séculos XVII e XXI. Primeiramente discutimos o íterim do século XVII até 1930: trata-se do período em que as espessuras fundadoras do conhecimento sobre o Maranhão começam a se detalhar e se adensar. Em seguida, trabalhamos com as produções realizadas entre 1930 e 2000 – momento de institucionalização do pensamento geográfico brasileiro e, conseqüentemente, de aprofundamento e complexificação sobre o conhecimento do território e da sociedade maranhenses. Por fim, abordamos a contemporaneidade dos estudos geográficos sobre o Maranhão, com início no século XXI, período marcado por um decisivo adensamento do estado da arte.

Palavras-chave: História do Pensamento Geográfico; Maranhão; Território, Metodologia de pesquisa; Estado da Arte; Periodização.

AN ANALYSIS OF THE SCHOLARSHIP ON TERRITORY AND SOCIETY OF MARANHÃO: AN HISTORICAL TRAJECTORY IN THREE PERIODS FROM THE SEVENTEENTH CENTURY TO THE TWENTY-FIRST CENTURY

Abstract: Through a proposal to historicize knowledge production from the early seventeenth century to the twenty first century, we present and discuss the intellectual movement in developing work about the human aspects of territory and society in Maranhão, in accordance with the dynamics of the geographical situation in the state of Maranhão, and the socio-spatial formation of Brazil. First, we discuss the period between the beginning of the 17th century and the 1930s. This is the period in which the foundational layers of knowledge about Maranhão begin to grow, acquire greater detail, and become denser. Then we elaborate on the knowledge production realized between 1930 and 2000 – a moment of institutionalization of Brazilian geographic thought, and consequently, of the deepening and the complexification

1. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e pela City University of New York (CUNY). Professor adjunto do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e coordenador do Núcleo de Estudos em Território, Cultura e Planejamento-MARIELLE. E-mail: cris7cris7@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2843-9491>.

2. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Visiting Scholar pela City University of New York (CUNY). Doutoranda em Geografia no Instituto de Geociências da UNICAMP, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo Fapesp: 2019/13511-0). E-mail: liviacangiano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2166-2663>.

of the knowledge of the territory and society of Maranhão. Finally, we address contemporary geographical studies about Maranhão, beginning in the 21st century, a period marked by a decisive densification of the geographical knowledge production in and about Maranhão.

Keywords: History of Geographical Thought; Maranhão; Territory; Research Methodology;

L'ÉTAT DE L'ART AUTOUR DU DEBAT SUR LE TERRITOIRE ET LA SOCIÉTÉ DU MARANHÃO : UNE PROPOSITION DE PÉRIODISATION (XVII - XXI SIÈCLES)

Résumé: A travers une proposition de périodisation, nous cherchons à présenter et à discuter le mouvement de la production de connaissances du facteur humain du territoire et de la Société du Maranhão, en accord avec les dynamiques de la situation géographique de l'État et de la formation socio-spatiale brésilienne, entre le XVIIe et le XXIe siècle. Nous abordons dans un premier temps l'intervalle entre le début du XVIIe siècle et 1930: c'est l'époque où les épaisses fondations du savoir sur le Maranhão commencent à se peaufiner et à se consolider; ensuite, nous travaillons sur les productions réalisées entre 1930 et 2000 - un moment d'institutionnalisation de la pensée géographique brésilienne et, par conséquent, d'approfondissement et de complexification du savoir sur le territoire et la société du Maranhão. Enfin, nous abordons la contemporanéité des études géographiques sur le Maranhão, à partir du XXIe siècle, période marquée par une densification décisive de l'état de l'art.

Mots-clés: Histoire de la pensée géographique ; Maranhão ; Territoire ; Méthodologie de recherche ; État de l'art ; Périodisation.



Introdução

Este artigo busca apresentar e discutir o movimento de produção do conhecimento em contextos históricos evidentemente diversos sobre os aspectos humanos do território e da sociedade do Maranhão, em consonância com as dinâmicas da *situação geográfica* (SILVEIRA, 1999) estadual e da *formação socioespacial* (SANTOS, 1977) brasileira, entre os séculos XVII e XXI.

Embora o recorte temporal seja extenso – o que resulta na escolha metodológica de não aprofundarmos neste texto nenhuma obra ou movimento intelectual específico como forma de justificar e contextualizar certa realidade histórica –, do ponto de vista operacional, entendemos que existe uma considerável lacuna no que se refere à sistematização e criação de um panorama de trabalhos sobre a questão. Como apresentaremos adiante, ao que tudo indica, o último trabalho a esse termo foi o de Domingos Vieira Filho, publicado em 1954.

Assim, considerando o território enquanto uma construção social, política e histórica, manifesta por meio de distintos usos (SANTOS, 1996) ao longo do tempo, lançamos mão do recurso à periodização (SANTOS; SILVEIRA, 2001) para interrogar sobre as sucessivas camadas do processo social acumuladas nos lugares, a partir da pesquisa sobre o conhecimento já produzido a respeito do território e da sociedade maranhenses. Interessam-nos os agentes, as obras, as instituições e as matrizes de pensamento implicadas nessa problemática, em uma abordagem pretérita (séculos XVII e XX) e outra contemporânea (a partir do século XXI).

Tanto da perspectiva pretérita quanto da atual – realizada em meio ao aprofundamento de desigualdades e esgarçamento social do estado – uma questão se mostra importante para o início e a posterior organização deste levantamento: quais as principais temáticas, orientações e abordagens circulantes para pensar o território e a sociedade maranhenses em fundação e complexificação?

Tal questionamento decorre de nossas pesquisas, cujo foco recai, entre outros pontos, no levantamento e na organização do que temos chamado de *Estado da Arte sobre o Maranhão*, um conjunto até agora tabulado em 786 obras tratando de aspectos humanos do território e da sociedade maranhenses. Tal postura guarda coerência epistemológica com o pressuposto de que o

pensamento geográfico deve ser compreendido como resultado da colaboração de todo um concerto prático-reflexivo, encarnado via distintas perspectivas, disciplinas, campos e áreas de estudo.

Assim, nossa metodologia consistiu em um levantamento minucioso (busca temática, por palavras-chave, ordenação por temas e tempo histórico em formato de quadros, e leitura de boa parte das obras), realizado entre 2017 e 2022 em arquivos físicos e digitais dos estados do Maranhão, do Ceará, de Pernambuco, do Pará, de São Paulo e do Rio de Janeiro³.

Aqui defendemos que a organização e análise das matrizes epistemológicas do que já foi produzido, além da continuidade da pesquisa sobre a problemática posta, sobretudo em sua análise discursiva, são impreteríveis tanto aos estudos geográficos maranhenses quanto ao seu estatuto no âmbito do pensamento geográfico brasileiro.

Isto porque julgamos ser toda a construção de um processo intelectual, enquanto experiência do presente, dependente em grande medida do nosso conhecimento passado (CONNERTON, 1989). Assim, entender o movimento de construção de um pensamento é, de certa forma, garantir a edificação de uma memória social e coletiva tão necessária em um período em que a aceleração e efemeridade prevalecem e corroboram para o apagamento da história – e, conseqüentemente, para o enfraquecimento das disciplinas científicas.

Partindo desses pressupostos, organizamos o artigo em três seções: na primeira, discutimos o período em que as espessuras fundadoras do conhecimento sobre o estado do Maranhão começam a se detalhar e se adensar, abarcando estudos produzidos de maneira mais sistemática desde o século XVII até 1930. Na segunda seção, focalizamos as produções realizadas entre 1930 e 2000 – momento de institucionalização do pensamento geográfico brasileiro e, portanto, de aprofundamento e complexificação do conhecimento sobre o território e a sociedade maranhenses. Por fim, antecedendo nossas conclusões, abordamos a contemporaneidade dos estudos geográficos sobre o Maranhão, no início do século XXI.

Em termos práticos, levando em consideração as normas de dimensão do artigo para a revista em tela, apresentamos um recorte do que levantamos. Ou seja, sabemos que obras relevantes não foram mencionadas neste texto. No entanto, de forma alguma obliteramos a importância de tais trabalhos para a construção do estado da arte a ser abordado a seguir.

Das espessuras fundadoras ao primeiro adensamento do conhecimento geográfico sobre o Maranhão (1613– 1930)

Ao indagar sobre os primórdios da geografia brasileira, Moreira (2014) propõe um olhar remontando à chegada dos portugueses às terras que viriam a constituir o país, estendendo-se até os anos 1930, com a instituição da geografia enquanto ciência no Brasil.

Ao longo desse tempo, a realidade do Maranhão se caracterizaria por distintas frentes de ocupação territorial, dinamizadas por uma economia de exportação de produtos primários (algodão, cana de açúcar e babaçu), fatores que implicariam na afirmação da posição periférica do estado em um contexto nacional (TROVÃO, 2008).

Do ponto de vista da produção de saberes territoriais, Moreira (2014) aponta que esse período foi marcado por relatos de viajantes, cronistas e naturalistas acerca dos modos de vida dos

³ Dentre os arquivos se destacam: bibliotecas das Universidades Estadual e Federal do Maranhão (UEMA e UFMA – Campi São Luís), Biblioteca Pública Benedito Leite (São Luís), acervos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (livros impressos) e da Editora da UEMA, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), bibliotecas das Universidades Federais do Ceará (UFCE), do Pará (UFPA) e de Pernambuco (UFPE), das Universidades Estaduais de São Paulo (USP) e Campinas (UNICAMP), e da Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro.

habitantes locais, e pela produção de relatórios administrativos encomendados por órgãos governamentais e/ou corporativos com foco em áreas econômicas. Realizadas em geral por religiosos (D'ABBEVILLE, 2008 [1613]; D'EVREUX, 1615; BETTENDORFF, 2010), políticos (BERREDO, 1749) ou militares⁴ oriundos dos países europeus, tais obras abrangem as primeiras espessuras de produção de um conhecimento geográfico sobre o Maranhão

Esse momento perduraria até o século XIX, quando o Brasil, em sua “Etapa Novecentista” (MOREIRA, 2014), viveria um adensamento de obras e instituições interessadas em dinamizar estudos acerca da geografia do país. Além do contexto de uma considerável circulação de informação para o período – fato revelado, entre outros, por meio das dezenas de jornais maranhenses, tais quais *O Porvir*, *O Corisco*, *O Democrata*, *Civilização* e *A Cigarra* –, também se observa um aumento do volume de obras sobre o Maranhão, tratando seja do processo de ocupação da região sul (GAIOSO, 1970 [1818]; ALMEIDA, 1852), seja das dinâmicas social e econômica do estado (BERFORD, 1810; MARQUES, 1970 [1870]; BLAKE, 1870; WELLS, 1876; AMARAL, 1897).

No ano de 1883 seria criada no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Geografia, e em São Luís, no ano de 1887, aconteceria quiçá um dos primeiros eventos de vulto no campo da evolução de uma sistematização do conhecimento geográfico do Maranhão: a fundação da *Revista Maranhense*, periódico abrangendo as esferas cultural, social e científica da época.

Com a chegada do século XX, território e sociedade brasileiros adentram o que Santos e Silveira (2001, p. 251) denominam “dinâmica de um país que [se] industrializa”, contexto no qual o eixo Rio-São Paulo acumularia o capital da produção industrial, enquanto caberia ao Maranhão se inserir subalternamente na divisão técnica e territorial do trabalho nacional, fornecendo, entre outros itens, arroz para o sul-sudeste do país (MALUF, 1977).

No campo do pensamento geográfico brasileiro, as três primeiras décadas do século XX se caracterizariam tanto por relatórios técnicos fornecendo elementos para análises espaciais – como aquele elaborado pelo engenheiro Cantanhede (1902), propondo medidas de saneamento para São Luís – quanto por obras antecipando a geografia sistematizada, tais quais *Os Sertões* (CUNHA, 1967 [1902]) e *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* (ABREU, 1989 [1904]), com trechos abordando a ocupação do interior maranhense.

Por outro lado, assentam-se as obras de autores maranhenses, por exemplo, o ludovicense Antônio Baptista Barbosa de Godóis (1860-1923); os irmãos naturais de Riachão, João Parsondas de Carvalho (1895-1926) e Carlota Carvalho, a primeira mulher implicada na problemática em tela, autora do livro *O Sertão* (1924); e os irmãos nascidos na cidade de Viana, Raimundo (1894-1941) e Antônio (1889-1950) Lopes da Cunha.

Raimundo Lopes da Cunha, membro de diversas instituições, dentre as quais o Museu Nacional e a Sociedade Brasileira de Geografia, publicou no ano de 1916 a importante obra *O Torrão Maranhense*, sob influência das ideias de Ratzel e De Martonne.

Já seu irmão Antônio, advogado formado no Recife e fundador da Faculdade de Direito de São Luís, também merece menção pela sua contribuição geográfica na análise da estrutura urbana ludovicense, publicada em veículos locais (LOPES DA CUNHA, 1918; 1926).

⁴ A respeito das obras escritas por militares e políticos, aproximadamente na segunda metade do século XVII tivemos os primeiros relatos sistematizados acerca do Maranhão, escritos pelo holandês Gedeon Morris de Jonge: uma descrição de São Luís encomendada pela Companhia Holandesa da Índias Ocidentais, abordando aspectos bélicos, populacionais e econômicos da urbe maranhense (TAVARES, 2012). Também encomendada, todavia pelo governo português, se situaria ainda a obra *Relação Sumária das Cousas do Maranhão* (1624), reporte do juiz da primeira câmara de São Luís, Simão Estácio da Silveira, com a intenção de atrair colonos portugueses para terras maranhenses (BORRALHO, 2004).

Além dos maranhenses citados, destaca-se o médico natural de Vargem Grande, Nina Rodrigues (1862-1906), que, atuando ainda como antropólogo, foi pioneiro dos estudos acerca dos povos negros no Brasil, abordando temas como religiões, revoltas, línguas e festas negras (RODRIGUES, 1935 [1900], 1935 [1905]). No entanto, trata-se de uma figura controversa, pois aderiu, sobretudo em seu início de carreira, à tese da inferioridade racial.

Ressalta-se ainda Justo Jansen Ferreira (1864-1930), natural de Caxias e médico de formação, que publicou obras sobre o Maranhão muito próximas das monografias regionais nos moldes de La Blache (FERREIRA, 1901; 1904).

Urge sublinhar que tais nomes estariam, nos anos 1920, em um contexto de vagas modernizantes abrangidas no Maranhão – representadas, entre outras, pela implementação do Plano Rodoviário Estadual (FERREIRA, 2008) – e ligados direta ou indiretamente à fundação, em 1925, do Instituto de História e Geografia do Maranhão (IHGM), tendo sido Justo Jansen Ferreira o seu primeiro presidente. Em torno do IHGM, além da organização de uma revista homônima, com 45 números lançados desde 1926, aglutinar-se-iam igualmente nomes como Domingos de Castro Perdigão, um dos pioneiros dos estudos alimentares no Maranhão (PERDIGÃO, 1918), e João Dunshee Abranches Moura (1926), jornalista colaborador em veículos de mídia em diversos estados brasileiros.

Para além da contribuição dos maranhenses, nosso levantamento indica à época outras cinco publicações: duas delas de autores que, pesquisando vastas regiões do país, também trataram do Maranhão (CALDAS, 1900; WALLE, 1910); uma abordagem da geografia do estado (PAXECO, 1922); e dois artigos publicados em periódicos estrangeiros demonstrando o interesse estadunidense pelos recursos naturais maranhenses (SHAW; DARNELL, 1926; SHAW; DARNELL; WRIGHT, 1925).

Desse modo, com uma produção pioneira de obras de cunho geográfico, resultado do trabalho de pensadores e pesquisadores, a maior parte deles oriunda do Maranhão, é que o estado adentraria um novo período do pensamento geográfico no Brasil, marcado pela institucionalização e consolidação da disciplina enquanto ciência.

Tal um processo, conforme veremos, aportou no Maranhão com uma defasagem de quase vinte anos – intervalo entre a criação do primeiro curso de geografia do Brasil, na USP no ano de 1934, e a instalação do curso de geografia na UFMA, em 1953.

Da institucionalização da geografia brasileira ao aprofundamento dos estudos maranhenses (1930 – 2000)

Entre os anos 1930 e 2000, no âmbito da produção de um pensamento geográfico nacional (MOREIRA, 2014), reconhecemos, para fins analíticos, três subperíodos importantes para pensar a elaboração de conhecimento sobre o Maranhão. São eles: (i) institucionalização e consolidação da geografia (1930-1950); (ii) transição da geografia para um movimento de renovação (1950-1970); (iii) renovação das matrizes epistemológicas da geografia nacional (1970-2000).

Em referência ao subperíodo de *institucionalização e consolidação da geografia brasileira*, recordamos Moreira (2014) quando este afirma o papel pioneiro de quatro instituições durante o período Vargas (anos 1930): a USP e a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ambas abrigando os primeiros cursos superiores de geografia do país, fundados respectivamente nos anos de 1934 e 1935; a Associação dos Geógrafos Brasileiros, criada em 1934; e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inaugurado em 1936 – com participação, entre outros, dos geógrafos franceses Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig.

Isso ocorreria, vale ressaltar, em um momento imediatamente anterior à entrada do Brasil na “dinâmica de um país unitário” (SANTOS; SILVEIRA, 2001) nos anos 1940, marcados pelo impulso à

urbanização a partir de São Paulo e pelo incremento da circulação tanto de fluxos materiais quanto imateriais pelo território nacional. Ambos os processos, um deles ligado ao pensamento geográfico em si e outro dizendo respeito à dinâmica de modernizações do território brasileiro, aportariam no Maranhão com uma defasagem temporal, reafirmando o estado enquanto abrigo tardio de processos espaciais.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se observam poucas mudanças de vulto concernentes à dinâmica econômica ou urbana maranhense no subperíodo entre 1930 e 1950, verificam-se espessuras relativamente modestas ligadas ao conhecimento geográfico no Maranhão. O estado da arte em questão acusa 22 publicações em uma tipologia, compreendendo: (i) obras ligadas às missões do IBGE, com destaque para aquelas de Silvio de Abreu (1931; 1949); (ii) estudos culturais, avultando, entre outros, os esforços de Manuel Pereira (1947) e do alemão radicado no Brasil Curt Nimuendajú (1946); (iii) levantamentos sobre recursos minerais do estado (MOURA, 1936; PAIVA, 1937); (iii) uma colaboração temática diversa (em campos da geografia, história e economia) por parte de autores maranhenses, dentre os quais Byron de Freitas (1939), José de Sá Vale (1944) e Cândido Bispo (1947, 1949).

Ainda no que se refere à contribuição de autores maranhenses no subperíodo, ao que tudo indica, a publicação mais relevante seria aquela de Raimundo Lopes da Cunha, intitulada *Pesquisa etnológica sobre a pesca brasileira no Maranhão*, de 1938. Nesse estudo de geografia regional, recentemente retomado pela historiografia (DOMINGUES; ALMEIDA, 2010), tratando da pesca nos rios e lagos da Baixada Maranhense, o autor supracitado sistematiza de maneira primorosa um volumoso material de campo, problematizando, desse modo, as relações entre variáveis espaciais diversas implicadas na pesca, como técnicas, objetos, linguagens e organizações sociais.

Entre os anos 1950 e 1970, por seu turno, estaria o subperíodo de *transição da geografia para um movimento de renovação* (1950-1970). Marcado pela passagem de um discurso integrativo de síntese geográfica para o domínio de discursos fragmentários, tal momento implicaria na constituição de subcampos de investigação espacial e na busca por alternativas à geografia tradicional (MOREIRA, 2014).

Nesse período de transição, precisamente em 1953, quando a rede urbana maranhense ganhava maior integração e a capital São Luís passava por uma série de reformas urbanas (LOPES, 2013), seria criado na cidade o curso de geografia da UFMA – instalando-se, assim, a geografia institucionalizada no estado.

O estado da arte para o subperíodo em tela compõe-se de 26 obras – ligeiro incremento em relação ao vintênio anterior – numa tipologia compreendendo: (i) 12 publicações de maranhenses, predominando autores não geógrafos; e (ii) 14 publicações de fora do Maranhão, todas de geógrafos, 12 delas de autores oriundos do eixo Rio-São Paulo. Portanto, se por um lado a criação do curso de geografia da UFMA reverberaria no estado da arte maranhense posteriormente, de outro lado, a geografia consolidada no Brasil acarretaria o olhar de fora para o Maranhão.

No campo das publicações de maranhenses avultam obras tratando: (i) do Maranhão e de São Luís, em sua história e geografia (FIALHO, 1952; MOURA, 1953; VIVEIROS, 1954; ALMEIDA, 1955; STUART FILHO, 1959; PACHÊCO, 1968; MEIRELES, 1964, 1982); do desenho urbano (MESQUITA, 1958) e do cotidiano (SERRA, 1965). Assim, o último estado da arte maranhense parece ser o artigo de Domingos Vieira Filho (1954) intitulado *Estudos geográficos no Maranhão*.

Já no escopo da contribuição de não maranhenses geógrafos se inserem os paulistas Aroldo de Azevedo e Dirceu Lino de Mattos (1951) e destaca-se a publicação de um livro composto por dois estudos intitulados *Através do Vale do Itapecuru e São Luís do Maranhão* (AZEVEDO, 1952a, 1952b). Tributários da tradição geográfica francesa, os autores se debruçam sobre temas como a

importância da economia do babaçu, a africanidade do Maranhão e sua desigualdade, resultante de uma posição subalterna no quadro de nossa formação socioespacial.

Por seu turno, enquanto a contribuição no campo da geografia populacional coube à carioca Eugênia Egler (1951), tratando da distribuição e mobilidade da população do Maranhão, o paulista Aziz Ab'Sáber (1960) propõe uma discussão ambiental, com enfoque na geomorfologia do estado.

No que concerne aos estudos de geografia econômica sobre o Maranhão no período, observam-se as contribuições de Pedro Geiger e seu livro *Evolução de rede urbana brasileira* (1963) e do carioca Orlando Valverde (1957, 1963), com publicações tratando da produção do babaçu e do arroz no estado. Destaca-se ainda Léo Waibel, com o texto *As zonas pioneiras do Brasil* (1955), sendo o primeiro estudioso a defender a condição do Maranhão enquanto “espaço de transição” entre o Norte e o Nordeste do país.

Com os anos 1970 se inicia o subperíodo de *renovação das matrizes epistemológicas da geografia*, pautado pelo desenvolvimento de uma geografia teórica, crítica e cultural no Brasil (ANDRADE, 1985), bem como pela instalação dos primeiros programas de pós-graduação em geografia. Perdurando até os anos 2000, esse íterim se caracterizaria por um adensamento de obras – 99 no trintênio –, tematicamente difusas em distintos campos de estudo. Tal adensamento e capilarização do estado da arte maranhense nos obriga a tratar desse subperíodo considerando três momentos, correspondentes a cada uma das décadas em questão.

O delineamento desse novo tempo-espaço coincidiria com a maior manifestação espacial da “dinâmica globalizadora”, carregada de impulsos tecnicizantes sobre o território brasileiro, decorrentes da reestruturação produtiva mundial (HARVEY, 1993). Nesse contexto de afirmação de um meio técnico-científico-informacional (SANTOS; SILVEIRA, 2001), coube ao Maranhão inserir-se na divisão territorial do trabalho ainda como fronteira agrícola e mineral – processo amplamente desagregador da vida de relações no campo e na cidade, articulado à chegada ao estado de uma série de projetos modernizantes a partir de demandas do grande capital, tais quais o Porto de Itaqui e a Estrada de Ferro Carajás (BURNETT, 2012; FERREIRA, 2014).

O estado da arte para o primeiro momento desse subperíodo indica 19 obras. Sublinhando o modo como os processos socioespaciais então em voga no estado se refletiriam no pensamento geográfico maranhense, a tipologia em tela compreende estudos: (i) históricos (MACNICOLL, 1978; COSTA FILHO, 1978; COELHO NETO, 1979), geográficos e de planejamento territorial (ANDRADE, 1973; DORNAS; TRUJILLO, 1974; SILVA, 1976) e sociológicos sobre o Maranhão (PIRES, 1975; KELLER, 1975; MOURÃO, 1976); (ii) antropológicos, avultando as contribuições de Maria Barreto (1977) e Sergio Ferreti (1979) com foco na cultura negra – malgrado a centralidade dos povos negros na formação maranhense, o estado da arte até então os relegava a um segundo plano; (iii) sobre São Luís, abordando aspectos específicos (CALDEIRA, 1970; VIEIRA FILHO, 1971; LIMA, 1973; MONTELLO; RAMALHO, 1977) ou o conjunto de sua urbanização.

Assim, no campo da urbanização ludovicense destacam-se as contribuições do geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade, responsável pela publicação dos textos *Os transportes e a rede urbana do Maranhão* (1968) e *A dinâmica do povoamento e a ocupação do espaço geográfico maranhense* (1970), estudos no quais considera a baixa capilaridade do território maranhense um obstáculo para a criação de zonas de influência por centros urbanos, resultando na conformação de uma inexpressiva rede urbana no estado.

Outro importante estudo desse momento é *A cidade de São Luís*, do carioca Roberto Lobato Corrêa (1976), que trata do papel da capital maranhense como polo dinamizador econômico tanto a perder relevância em relação ao Nordeste do Brasil, quanto a atrair fluxos migratórios decorrentes da dinâmica rural maranhense. Igualmente nesse viés, temos o trabalho da geógrafa Elza Rodrigues

(1971), que, sob a orientação de Corrêa, tratou das funções regionais e das zonas de influência de São Luís, mediante rigorosa cartografia.

A efetivação do adensamento do estado da arte ocorreria nos anos 1980, contando com mais que o dobro de publicações (45 obras) em relação à década anterior. A investigação sobre a sociedade e o território maranhenses, ambos atravessados pela escalada de conflitos no campo, compõe-se por estudos: (i) agrários (conflitos e resistências no campo); (ii) urbanos e ambientais; (iii) antropológicos, com o papel ativo do antropólogo Alfredo Wagner de Almeida (1983); (iv) sobre a questão negra, destacando-se novamente Sérgio Ferreti (1985) e, agora, Mundicarmo Ferreti (1985), com foco na religião de mina e nos territórios simbólicos; (vi) históricos, contemplando temas que vão da política indigenista ao cinema no Maranhão (CARREIRA, 1982; BONFIM, 1985; CORRÊA, 1989; COELHO, 1989); e (v) econômicos, pautados nas ideias de modernização e desenvolvimento (GOMES, 1981; CALDEIRA, 1980; TSUJI, 1981; PALHANO, 1983; RANGEL, 1989).

Dentre os estudos agrários no momento, temos tanto os livros dos geógrafos maranhenses Antônio Cordeiro Feitosa (1982), tratando da agricultura do estado durante o período colonial, quanto a publicação de José Ribamar Trovão (1989), que, inspirado em Orlando Valverde, enfocaria a concentração de terras, traço característico da formação do Maranhão. Além deles, destacam-se publicações da Comissão Pastoral da Terra (CPT-MA, 1981) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI-MA, 1988), as quais discorrerão mais especificamente sobre conflitos e resistências no campo. A este termo, destacam-se as obras *Carajás, usinas e favelas* (1989), do pesquisador belga Franz Gistelinck; *Os gaúchos descobrem o Brasil* (1984), da antropóloga Maristela de Paula Andrade, abordando a migração de sulistas para o campo maranhense; e *Essa terra é nossa*, do militante camponês Manoel da Conceição e da socióloga Ana Galano (1980).

Por sua vez, enquanto nos estudos urbanos temos as contribuições do geógrafo Antônio José Ferreira (1989), situado na geografia ambiental, ressalta-se o estudo sobre o relevo maranhense, do também geógrafo Antônio Cordeiro Feitosa (1983).

Nos anos 1990, marcados, entre outros acontecimentos, pela criação do curso de geografia da UEMA, consolidar-se-ia com 35 obras o adensamento do estado da arte maranhense, numa tipologia formada por estudos: (i) agrários, predominando o foco nos conflitos e resistências no campo (CABRAL, 1992; CANEDO, 1993; ANDRADE, 1995; FERREIRA, 1995); (ii) históricos, abrangendo todo o estado (BRAGA, 1993; CORRÊA, 1993); (iii) econômicos, predominando abordagens da industrialização maranhense (FEITOSA; RIBEIRO, 1991; KATZ; LIMA, 1994); (iii) sobre políticas públicas (ROSA, 1996; SOUSA, 1996; BELLO FILHO, 1999); (iv) culturais, em abordagens da religião de mina (FERRETI, 1997, 1999), das mães de santo ludovicenses (VERGER, 1990), do *reggae* (SILVA, 1995) e do *bumba-meu-boi* (MARQUES, 1999); (v) urbanos, sobressaindo investigações geográficas com foco na cidade de São Luís e na Ilha do Maranhão – ao que parece, muito em razão das mudanças radicais que ocorriam na capital à época, sobretudo produzindo um grande número de trabalhadores precarizados e desempregados.

Assim sendo, destacam-se José Ribeiro Junior (1999) e seu livro sobre a formação do espaço urbano ludovicense; a monografia de Fernando Costa (1995) sobre a luta por moradia na cidade; e o trabalho de Luiz Phelipe Andrès, intitulado *Centro Histórico de São Luís-Maranhão: Patrimônio Mundial* (1998). Situam-se ainda nesse momento as dissertações e teses de quatro geógrafos que atualmente compõem o quadro de professores do curso de geografia da UFMA e atuam em órgãos de pesquisa implicados em estudos socioespaciais no Maranhão, a saber: (i) José Ribamar Trovão, com tese orientada por Lucia Helena Gerardi a respeito do espaço rural da Ilha do Maranhão (1994); (ii) Antônio Cordeiro Feitosa, com tese sobre os processos geomorfológicos da Ilha do Maranhão (1997), sob orientação de Antonio Christofolletti; (iii) Antônio José Ferreira, com dissertação sobre a urbanização

ludovicense e orientada por Antônio Carlos Robert Moraes (1999); (iv) Juarez Diniz, com tese abordando, a partir de um diálogo com a geografia crítica, a segregação socioespacial em São Luís (1999).

Uma vez apresentada nossa periodização, a seguir miramos o tempo recente implicado na problemática. Veremos, destarte, que a tendência ao adensamento dos estudos sobre o território e a sociedade do Maranhão, já consolidada desde os anos 1970, se aprofundaria decisivamente a partir dos anos 2000, em um movimento conformando, além da produção científica em si, impulsionada pelas universidades federais e estaduais do Maranhão, toda uma estrutura de pesquisa no estado.

O aprofundamento do estado da arte na contemporaneidade do conhecimento geográfico maranhense (2000 a 2021)

Enquanto nos períodos anteriores (séculos XVII-XX) o estado da arte aponta em seu conjunto 185 obras, no período atual se observa um considerável aumento nessa produção, com 591 obras, fenômeno articulado à efervescência das formas-conteúdo dinamizadoras do estado do Maranhão e da metrópole ludovicense – a qual, desde o início do século XXI, assumiu a condição de “porta de entrada e saída” da “fronteira agromineral brasileira” (LOPES, 2018, p. 92).

O estado da arte atual conta com contribuições para além da geografia, como obras de economia, cartografia social, estudos culturais, pedagogia, ciências sociais, história, arquitetura, urbanismo, sociologia, antropologia, políticas públicas e desenvolvimento regional.

Demonstrando o papel das pesquisas vinculadas a programas de pós-graduação, tabulamos ao todo 245 dissertações ou teses. Destas, 169 (29% do total das publicações do período) foram defendidas em Instituições de Ensino Superior (IES) maranhenses e 76 (13% do total das publicações do período) foram defendidas em IES fora do estado (sobretudo em São Paulo e Pernambuco e, secundariamente, no Rio de Janeiro) – dado indicativo da articulação nacional em torno da pesquisa sobre o Maranhão.

Pensando em campos de estudo, o levantamento em questão demonstra corresponderem aos estudos urbanos 172 obras (29% do total), privilegiando, entre outras, questões como urbanização e metropolização (BURNETT, 2007, 2008, 2012; CARVALHO, 2005; FERREIRA, 2000, 2008, 2014; LOPES, 2013, 2016; LOPES, 2018; WALL, 2017); formação municipal (AYRES, 2001); desigualdade (RODRIGUES, 2010; BANI, 2016); luta por moradia (BARROS, 2003, LUZ, 2004); pobreza (BEZERRA, 2015; RIBEIRO JUNIOR; CRUZ; ANTIPON, 2021); periferação (DINIZ, 2007); trabalho precário (BATISTA, 2007); espaço público (CRUZ, 2011), acessibilidade (CUNHA, 2012) e questões raciais na cidade (GATO, 2015, 2019).

Por sua vez, correspondem aos estudos culturais 165 trabalhos (28% do total), movimentando sobretudo temas como tambor de mina (ABREU, 2005); quebradeiras de coco (AHLERT, 2016); encantados (AHLERT, 2021); bumba-meu-boi (FURLANETTO, 2010; CORRÊA, 2012); *hip hop* (DIAS, 2009; SANTOS, 2007; ALVES; SANTOS, 2019); rádios comunitárias (ARAÚJO, 2011; COSTA, 2016); grafite (ARAÚJO, 2005); música brega (AZEVEDO, 2012); *reggae* (FREIRE, 2019 [2012]; PAULRAJ, 2013); teatro (CARDOSO, 2008; MARTINS, 2016) e cinema (SANTOS, 2017).

De outro lado, são 73 os estudos de planejamento, tratando, entre outros assuntos, de gestão urbana (SOUSA, 2011; BURNETT *et al.*, 2016); grandes projetos (CARVALHO; CIDADE, 2011); regionalização metropolitana (MOREIRA, 2013); e modernizações e desigualdades (ALVES; SILVA, 2020).

Os estudos agrários compreendem 94 obras e destacam, por exemplo, conflitos no campo (TERRA, 2017; ALMEIDA; MOURÃO, 2017); pesca (ALVES, 2018); comunidades tradicionais

(ANDRADE NETO, 2009; MIRANDA, 2011); agronegócio (BOTELHO, 2010); reforma agrária (CARNEIRO, 2005); e desenvolvimento rural (MATTOS JÚNIOR; ESPANHOL, 2012).

Por fim, os estudos sobre o Centro Histórico de São Luís, novo campo aberto nos anos 2000, reúne 87 trabalhos temas como acessibilidade (ALMEIDA, 2010); patrimônio (WALL, 2002; ANDRÈS, 2006; CHAVES, 2012); moradia (FERREIRA, 2005; CARDOSO, 2012); políticas públicas (FERKO, 2010); e comércio (MARQUES, 2002).

Desse modo, com o aumento das pesquisas sobre o Maranhão no século XXI, o estado da arte totaliza 786 publicações até o momento.

Conclusão

Após um período entre os séculos XVII e XVIII, caracterizado basicamente por relatos de viajantes e militares acerca do estado, o Maranhão conheceria, no século XIX, um primeiro adensamento em torno do pensamento geográfico, com o estado da arte englobando uma dezena de obras, metade delas escritas por maranhenses e tratando sobretudo do sul do estado ou trazendo inventários de dados a respeito de sua situação geográfica.

Por seu turno, no período de 1900 a 1930, prelúdio para a sistematização da geografia nacional, nosso levantamento aponta 27 publicações de livros, relatórios e artigos de periódicos, dentre os quais 22 são de 13 autores maranhenses.

A partir de 1930 até 1950 identificamos 22 obras, em uma tipologia compreendendo sobretudo discussões ligadas às missões do IBGE, estudos culturais e de levantamento de recursos minerais, observando-se aqui a residual colaboração de autores maranhenses.

De outro lado, sobressaem alguns aspectos quando analisamos o estado da arte na transição dos anos 1950 e 1960, em comparação ao vintênio anterior (de 1930 a 1950). O primeiro deles é que o número de publicações permaneceria praticamente o mesmo, passando de 22 para 24 obras. Já o segundo é que ambos os períodos evidenciam a preponderante contribuição de estudiosos de fora do estado em relação aos maranhenses. Todavia, no período de transição, a contribuição externa aos estudos humanos no Maranhão ocorreria apenas por meio de geógrafos e geógrafas, em sua grande maioria ligados a instituições pioneiras da geografia brasileira, tais quais a USP, a UFRJ e o IBGE.

Por sua vez, nos anos 1970, já em um período de tecnificação do território nacional e de renovação da disciplina geográfica no país, um estado da arte composto por 19 obras chama atenção pelas discussões propostas tanto acerca do planejamento territorial no Maranhão, quanto sobre a cidade de São Luís – que a partir dessa década passaria a abrigar uma série de transformações em seu desenho, espraiando-se de modo decisivo para além de sua área original. Por fim, destaca-se o delineamento de espessuras em torno da temática racial, evocando debates sobre o grupo social mais afetado pela desagregação do campo em curso.

Já no levantamento para os anos 1980, composto por 45 obras, chama atenção a afirmação de campos de estudo esboçados na década anterior. Dessa maneira, aparece uma considerável produção de estudos agrários (40% do total), sobretudo aqueles com foco nos conflitos e resistências no campo, e da cultura negra. Mais uma vez as dinâmicas do território e da sociedade se refletem numa urgência temática traduzida via conhecimento científico: trata-se de uma década marcada pela escalada de embates no campo, permeando diversas regiões e assolando sobremaneira a população negra do estado.

Com relação aos anos 1990 e seu estado da arte, com 35 publicações, observa-se por um lado a manutenção dos estudos agrários, históricos e econômicos, enquanto por outro lado despontam

as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA, bem como o delineamento do campo da cultura popular.

Procurando dar conta das inúmeras transformações pelas quais passaria a capital do estado ao longo dos anos 1990, traça-se ainda um substancial campo de estudos abordando São Luís e a Ilha do Maranhão, representando 25% da produção em tela. Como se nota, os trabalhos de pós-graduação (20% das produções totais do período), bem como um incremento no número de artigos de periódicos (também 20% do total, incidindo sobretudo nos estudos econômicos), indicam que a melhor organização do aparato de pesquisa nacional se rebate de um modo mais bem acabado no Maranhão da época.

Arrematando o período entre os anos 1970 e 2000, constatamos 99 obras, 22 das quais são contribuições de geógrafos e geógrafas, sendo 14 dessas publicações de autores oriundos do Maranhão, 7 delas dedicadas aos estudos agrários e outras 7 abordando a capital maranhense sob um viés humano.

Com o início do século XXI, quando ganha corpo a organização de toda uma estrutura de pesquisa no Maranhão, observamos a ênfase nos estudos urbanos, culturais, agrários, de planejamento e sobre o Centro Histórico de São Luís, principalmente com o aumento do volume de dissertações e teses produzidas no próprio estado.

No bojo da dinâmica da formação socioespacial brasileira e do desenvolvimento do pensamento geográfico nacional, constatamos na produção de um conhecimento sobre o território e a sociedade maranhenses (seja ele pretérito ou atual) uma série de temáticas e recortes analíticos que revelam a própria constituição política e social do estado, bem como sua relação com o contexto brasileiro.

Soma-se à pergunta inicial, que impulsionou a elaboração deste trabalho, o questionamento sobre quais seriam os conceitos e categorias mobilizados, operacionalizados e atualizados a partir das pesquisas interessadas no conteúdo humano do território e da sociedade maranhenses. Ou seja, de que forma o pensamento geográfico – enquanto campo disciplinar cujo objetivo é entender o conjunto indissociável, mas também contraditório, de objetos e ações, formadores do espaço geográfico (SANTOS, 1996) – refletiu e continua refletindo sobre o território praticado (RIBEIRO, 2005) no Maranhão?

Indicamos, assim, a continuidade de uma agenda de pesquisa em torno das produções que visam interpretar e explicar a complexidade do Maranhão em consonância com a dinâmica da formação socioespacial brasileira. Isto porque acreditamos ser a construção e a valorização de nossa memória social e coletiva um caminho frutífero para produzirmos conhecimento e superarmos as profundas desigualdades que conformam a situação geográfica estadual.

Referências

- AB'SÁBER, A. N. (1960) Contribuição à geomorfologia do Estado do Maranhão. *Notícia Geomorfológica*, Campinas, n. 3, v. 5, p. 35-45.
- ABREU, J. C. (1989 [1904]) *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia.
- ABREU, M. M. (2005) *Tradição e tambor de mina: a tradição como estratégia de existência dos Terreiros de Tambor de Mina*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- ABREU, S. F. (1931) *Na terra das palmeiras*. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & C.
- ABREU, S. F. (1949) O Estado do Maranhão. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 74, p. 743-745.
- AHLERT, M. (2016) A gestão do imponderável e a esperança: notas exploratórias sobre conhecimento e escola entre quebradeiras de coco. *Revista Pós em Ciências Sociais*, São Luís, v. 12, n. 25, p. 43-60.
- AHLERT, M. (2021) *Encantoria: uma etnografia sobre pessoas e encantados*. São Luís: EdUFMA; Curitiba: Kotter.
- ALMEIDA, A. W. B. (1983) *A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão*. São Luís: Sioge/IPES.
- ALMEIDA, C. M. (1852) *A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias do Maranhão e de Goiás*. Rio de Janeiro: Typ. Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães & Cia.
- ALMEIDA, M. P. S. C. B. S. (2010) *O itinerário da cidadania: a acessibilidade das pessoas com deficiência visual ao Centro Histórico de São Luís – Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.
- ALMEIDA, R. (1955) A cidade de São Luís: tentativa de reconstituição histórica. *Revista de Geografia e História*, São Luís, n. 5, p. 40-66.
- ALMEIDA, A. W. B.; MOURÃO, L. (2017) *Questões agrárias no Maranhão contemporâneo*. Manaus: UEA.
- ALVES, T. S. (2018) *A pesca e o Centro de Lançamento de Alcântara: saberes e conflitos sociais*. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – UEMA, São Luís.
- ALVES, C. N.; SANTOS, M. B. (2019) Dinâmicas socioterritoriais e circuitos culturais em São Luís-MA: as batalhas do rap ludovicense. *Equador*, Teresina, v. 8, n. 3, p. 315-331.
- ALVES, C. N.; SILVA, A. (2020) Uso do território, modernizações, desigualdades sociais e questão ambiental no Maranhão: aproximações teórico-empíricas de uma agenda de pesquisa. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 24, n. 3, p. 954-964.
- AMARAL, J. R. (1897) *O estado do Maranhão em 1896*. São Luís: Typographia Frias.
- ANDRADE, G. O. (1973) O projeto de colonização do Alto Turi (Maranhão). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1., 1973, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: AGB. v. 18, p. 123-185.
- ANDRADE, M. C. (1968) Os transportes e a rede urbana do Maranhão. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 202, p. 11-18.
- ANDRADE, M. C. (1970) A dinâmica do povoamento e a ocupação do espaço geográfico maranhense. In: ANDRADE, Manuel C. *Nordeste: espaço e tempo*. Petrópolis: Vozes. p. 129-180.
- ANDRADE, M. C. (1985) Tendências atuais da geografia brasileira. *Geonordeste*, São Cristóvão/SE, ano II, n. 9, p. 14-23.
- ANDRADE, M. P. (1995) A produção de carvão vegetal e o plantio de eucalipto no Leste Maranhense. In: CONCEIÇÃO, F. G. (org.). *Carajás: desenvolvimento ou destruição? Relatórios de Pesquisa*. São Luís: CPT.
- ANDRADE, M. P. (1984) *Os gaúchos descobrem o Brasil: os pequenos produtores agrícolas do sertão maranhense frente à implantação de projetos agropecuários*. São Luis: Cáritas Brasileira.
- ANDRADE NETO, J. A. (2009) *O tempo da greve: o caso da comunidade quilombola Pitoró dos Pretos*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- ANDRÈS, L. P. C. C. (org.) (1998) *Centro histórico de São Luis – Maranhão: patrimônio mundial*. São Paulo: Audichromo.
- ANDRÈS, L. P. C. C. (2006) *Reabilitação do Centro Histórico de São Luís: análise crítica do programa de preservação e revitalização*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – UFPE, Recife.

- ARAÚJO, E. W. (2011) *Rádios comunitárias no Maranhão: história, avanços e contradições na luta pela democratização da comunicação*. São Luís: EdUFMA.
- ARAÚJO, T. M. A. (2005) *Do spray ao revólver: panorama da violência empregada por algumas gangues de São Luís nas décadas de 80 e 90*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- AYRES, É. O. J. (2001) *Processo e política atual de desmembramento municipal no Maranhão*. Tese de Doutorado (Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.
- AZEVEDO, A. (1952a) Através do Vale do Itapecuru. In: AZEVEDO, A. *Regiões e paisagens do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. p. 11-45.
- AZEVEDO, A. (1952b) São Luís do Maranhão. In: AZEVEDO, A. *Regiões e paisagens do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. p. 46-63.
- AZEVEDO, A.; MATTOS, D. L. (1951) *Viagem ao Maranhão*. São Paulo: [s. n.].
- AZEVEDO, B. S. (2012) *Em ritmo de seresta: narrativas e espaços sociais da música brega e choperias em São Luís do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- BANI, E. (2016) *A "Vila" Progresso como produto da desigualdade socioespacial na Cidade de São Luís Do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – UEMA, São Luís.
- BARRETO, M. A. P. (1977) *Os voduns do Maranhão*. São Luís: FUNC.
- BARROS, M. A. G. (2003) Mais que um teto, a luta pelo direito à moradia nos anos 90 em São Luís. In: LIMA, T.; COSTA, C. (org.). *Políticas Públicas, Trabalho e Movimentos Sociais no Maranhão*. São Luís: EdUFMA, p. 61-79.
- BATISTA, A. B. (2007) *Rotativo São Luís: dinâmica de classificação dos guardadores de carro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- BELLO FILHO, W. B. (1999) *História do planejamento econômico no Maranhão: uma arqueologia dos planos estaduais de desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- BERFORD, S. G. S. (1810) *Roteiro e mappa da viagem da cidade de S. Luiz do Maranhão até a corte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia.
- BERREDO, B. P. (1749) *Annaes históricos do Estado do Maranhão*. Lisboa: Oficina Ameno.
- BETTENDORFF, J. F. (2010). *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, v. 115, n. 75. 806 p.
- BEZERRA, B. R. R. (2015) Patrimonialismo e pobreza: aproximações entre estrutura política e realidade social no Maranhão no início do século XXI. *InterEspaço*, Grajaú/MA v. 1, n. 1 p. 191-211.
- BISPO, C. P. S. (1947) *A Ilha do Maranhão*. R.G.H., São Luís, n. 2.
- BISPO, C. P. S. (1949) *A estrutura geológica do Maranhão e a existência do petróleo*. Rio de Janeiro: Aurora.
- BLAKE, A. S. (1870) *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, v. 2, p. 103.
- BONFIM, M. N. B. (1985) *Do velho ao novo: política e educação no Maranhão*. São Luís: EdUFMA/Secretaria de Educação.
- BORRALHO, J. H. P. (2004) Tradições historiográficas no Maranhão. *Outros Tempos*, São Luís, v. 1, n. 1, p. 40-52.
- BOTELHO, R. E. P. (2010) *O circuito espacial de produção e os círculos de cooperação da soja no Maranhão no período técnico-científico-informacional*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRN, Natal.
- BRAGA, P. R. (1993) *Pequena história da energia no Maranhão*. São Luís: SIOGE.
- BURNETT, F. L. (2007) Da cidade unitária à metrópole fragmentada: crítica à constituição da São Luís moderna. In: LIMA, A. (org.). *Cidades Brasileiras, Atores, Processos e Gestão Pública*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 173-198.
- BURNETT, F. L. (2008) *Urbanização e desenvolvimento sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização em São Luís, MA*. São Luís: EDUEMA.
- BURNETT, F. L. (2012) *São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais*. São Luís: EDUEMA.

- BURNETT, F. L. *et al.* (2016) *Planejamento e gestão de cidades no Maranhão: o executivo municipal e o controle do solo urbano*. São Luís: EDUEMA.
- CABRAL, M. S. C. (1992) *Caminhos do gado: conquista e colonização do sul do Maranhão*. São Luís: SECMA.
- CALDAS, J. P. (1900) Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXII, parte I.
- CALDEIRA, J. R. C. (1970) *A invasão do Itaqui*. São Luís: Sudema.
- CALDEIRA, J. R. C. (1980) Mudanças sociais no Maranhão. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 32, n. 6, p. 699-713.
- CANEDO, E. V. (1993) *Organização do espaço agrário maranhense até os anos 80 – a distribuição da terra e atividades agrícolas*. São Luís: Edição do Autor.
- CANTANHEDE, P. C. (1902) *Saneamento das cidades e sua aplicação à Capital do Maranhão: relatório apresentado ao Governo do Estado*. São Luís: TYP. Frias.
- CARDOSO, L. C. M. (2008) *O teatro do poder: cultura e política no Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- CARDOSO, P. P. (2012) *A reabilitação de edifícios para uso residencial multifamiliar no centro histórico de São Luís/MA*. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – IPHAN, Rio de Janeiro.
- CARNEIRO, M. S. (2005) Da “reforma agrária dos partidários” à “reforma agrária coletiva”: luta pela terra e declínio de relações de patronagem no Maranhão recente. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 1, n. 2, p. 95-121.
- CARREIRA, A. (1982) *As companhias pombalinas de Grão-Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*. Lisboa: Editora Presença.
- CARVALHO, C. (1924) *O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Obras Científicas e Literárias.
- CARVALHO, F. C.; CIDADE, L. C. F. (2011) Grandes projetos, gestão do território e efeitos ambientais no Maranhão. *Espaço & Geografia*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 29-51.
- CARVALHO, H. F. (2005) *Urbanização em São Luís: entre o institucional e o repressivo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- CHAVES, C. R. C. (2012) *Educação Patrimonial no Bairro do Desterro: estudos sobre os projetos de patrimonialização no Centro Histórico de São Luís – MA*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – UFMA, São Luís.
- COELHO, E. M. B. (1989) *A política indigenista no Maranhão provincial*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN, Natal.
- COELHO NETO, E. (1979) *História do sul do Maranhão: terra vida, homens e acontecimentos*. Belo Horizonte: São Vicente.
- COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA-MARANHÃO – CPT-MA. (1981) Os conflitos, a terra e política conciliadora do governo: o caso do Maranhão. *Cadernos do CEAS*, [S. l.], v. 71, p. 39-43.
- CONCEIÇÃO, M.; GALANO, A. M. (1980) *Essa terra é nossa: depoimento sobre a vida e a luta de camponeses no estado do Maranhão*. Petrópolis: Vozes.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI-MA. (1988) *Povos indígenas no Maranhão: exemplo de resistência*. São Luís: CIMI-MA.
- CONNERTON, P. (1989) *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORRÊA, H. M. M. (2012) *São Luís em festa: o bumba meu boi e a construção da identidade cultural no Maranhão*. São Luís: Eduema.
- CORRÊA, R. L. (1976) A cidade de São Luís. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 250, p. 61-111.
- CORRÊA, R. L. (1989) *O modernismo no Maranhão*. Brasília: Corrêa e Corrêa.
- CORRÊA, R. L. (1993) *A formação social do Maranhão*. São Luís: Sioge.
- COSTA, F. P. (1995) *O processo de invasão em São Luís – Maranhão: o caso da Vila Isabel Cafeteira*. Monografia (Graduação em Geografia) – UFMA, São Luís.

- COSTA, P. P. (2016) *A radiodifusão comunitária na luta pela democratização da comunicação: a experiência em São Luís-Maranhão das rádios Bacanga FM e Conquista FM*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- COSTA FILHO, J. E. (1978) *Aspectos históricos e conjunturais da indústria maranhense*. São Luís: IPES/SEPLAN.
- CRUZ, M. A. M. (2011) *Usos e apropriações sociais do espaço público nas praças de São Luís do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- CUNHA, E. (1967 [1902]) *Os Sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê. (Edições de Ouro dos Clássicos Brasileiros).
- CUNHA, H. W. A. P. (2012) Acessibilidade e mobilidade no transporte coletivo em São Luís e a pessoa com deficiência: velhos e novos paradigmas. In: CASTRO, C.; PORTO, Í. M. R; MATTOS, J. S. (org.). *Geografia, Território e Paisagens*. São Luís: Eduema. p. 171-186.
- D'ABBEVILLE, C. (2008 [1613]) *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- D'EVREUX, Y. (1615) *Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan, dans les années 1613 & 1614*. Paris: François Huby.
- DIAS, H. C. (2009) *A Posse da Liberdade: a integração neoliberal e a ruptura político-pedagógica do hip hop em São Luís, a partir dos anos 1990*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMA, São Luís.
- DINIZ, J. S. (1999) *A dinâmica do processo de segregação socioespacial em São Luís (MA): o caso da Vila Cascavel*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- DINIZ, J. S. (2007) As condições e contradições no espaço urbano de São Luís (MA): traços periféricos. *Ciências Humanas em Revista*, São Luís, v. 5, n. 1, p. 167-179.
- DOMINGUES, H. M. B.; ALMEIDA, A. W. B. (org.). (2010) *Raimundo Lopes: dois estudos resgatados*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- DORNAS, H.; TRUJILLO, A. (1974) *Dinâmica de ocupação do meio rural no Noroeste Maranhense*. Recife: Sudene.
- EGLER, E. G. (1951) Distribuição da população do Estado do Maranhão em 1940. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 72.
- FEITOSA, A. C. (1982) *Agricultura do Maranhão colônia: indicadores de modernização*. São Luís: EdUFMA.
- FEITOSA, A. C. (1983) *O Maranhão primitivo: uma tentativa de reconstituição*. São Luís: Augusta.
- FEITOSA, A. C. (1997) *Dinâmica dos processos geomorfológicos na zona costeira a nordeste da ilha do Maranhão*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Rio Claro.
- FEITOSA, R. M. M.; RIBEIRO, É. B. (1991) O desenvolvimento industrial do Maranhão. *Desenvolvimento e Cidadania*. São Luís: Instituto do Homem.
- FERKO, G. P. (2010) *De volta à Praia Grande: o "velho" centro com o "novo" discurso*. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- FERREIRA, A. J. A. (1989) *A estrutura espacial urbana maranhense*. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências, UFMA, São Luís.
- FERREIRA, A. J. A. (1999) *O Estado e as políticas do urbano em São Luís*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – USP, São Paulo.
- FERREIRA, A. J. A. (2000) Uma interpretação geográfica para São Luís. *Revista GEOUSP*, São Paulo, n. 7, p. 51-58.
- FERREIRA, A. J. A. (2008) *Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo.
- FERREIRA, A. J. A. (2014) *A produção do espaço urbano em São Luís do Maranhão*. São Luís: EdUFMA.
- FERREIRA, B. (1995) *As relações cidade/campo no vale do Tocantins: o caso de Imperatriz no Maranhão*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo.
- FERREIRA, J. J. (1901) *Fragmentos para a corografia do Maranhão*. Maranhão: Tip. Ramos d'Almeida.
- FERREIRA, J. J. (1904) *A propósito da carta geográfica do Maranhão*. Maranhão: Tip. Ramos d'Almeida.
- FERREIRA, M. M. G. (2005) *"Tudo é Desterro"?* – construção e desconstrução de regiões no Centro Histórico de São Luís. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.

- FERRETTI, M. (1985) *De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto*. Mina, uma religião de origem africana. São Luís: Sioge.
- FERRETI, S. (1979) Tambor de crioula, festa de preto. *Revista Universitária UFMA*, São Luís, v. 2, n. 2, p. 88-93.
- FERRETI, S. (1985) *Querebentã de Zomadonu*: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EdUFMA.
- FERRETI, S. (1997) Casa das Minas – religião popular e mudança. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 38-41.
- FERRETI, S. (1999) Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. *Cadernos de Pesquisa: UFMA*, São Luís, v. 10, n. 1, p. 19-28.
- FIALHO, O. (1952) Elementos para a classificação geológica do litoral maranhense. *Revista do IHGM*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 77-88.
- FREIRE, K. C. F. (2019 [2012]) *Onde o reggae é a lei*. Pitomba: São Luís.
- FREITAS, B. (1939) *O noroeste maranhense*. São Luís: Tip. M. Frias.
- FURLANETTO, B. H. (2010) O Bumba-meu-boi do Maranhão: território de encontros e representações sociais. *RA'E GA*, Curitiba, n. 20, p. 107-113.
- GAIOSO, R. J. S. (1970 [1818]) *Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão*. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro. p. 55-59.
- GATO, M. (2015) *Racismo e decadência: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão*. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo.
- GATO, M. (2019) Espaço, cor e distinção social em São Luís (1850 -1888) In: BARONE, A.; RIOS, F. (org.). *Negros nas cidades brasileiras (1890 -1950)*. São Paulo: Intermeios, Fapesp. p. 219-274.
- GEIGER, P. P. (1963) *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.
- GISTELINCK, F. (1989) *Carajás, usinas e favelas*. São Luís: Edição do Autor.
- GOMES, J. P. T. (1981) *Formação econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento*. São Luís: FIPES.
- HARVEY, D. (1993) *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: Loyola.
- KATZ, F.; LIMA, P. (1994) O pólo dinâmico do Maranhão: o relativo isolamento e a diversificação. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 10, n. 1, p. 75-96, jan./jun.
- KELLER, F. I. V. (1975) O homem da frente de expansão: permanência, mudança e conflito. *Revista de História*, São Paulo, v. 51, n. 102, p. 665-709.
- LIMA, A. V. (1973) *Rapport et propositions pour la conservation, recuperation et expansion de São Luís/Maranhão*. Porto. (Relatório datilografado para a Unesco).
- LOPES DA CUNHA, R. (1916) *O Torrão Maranhense*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio.
- LOPES DA CUNHA, R. (1938) Pesquisa etnológica sobre a pesca brasileira no Maranhão. *Revista do Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 151-186.
- LOPES DA CUNHA, A. (1918) Pro urbe nostra. *Revista Maranhense*, São Luís, ano III, n. 25.
- LOPES DA CUNHA, A. (1926). A cidade de São Luiz: vestígios do passado. *Revista do Instituto de História e Geografia do Maranhão*, São Luís: Typographia Ramos de Almeida.
- LOPES, F. C. R. (2018) Metamorfoses no espaço metropolitano de São Luís (MA). *GeoTextos*, Salvador, v. 14, n. 1, p. 83-102.
- LOPES, J. A. V. (2013) *São Luís, capital moderna e cidade colonial: Antonio Lopes da Cunha e a Preservação do Patrimônio Cultural Ludovicense*. São Luís: Aquarela.
- LOPES, J. A. V. (2016) *São Luís, cidade radiante – O Plano de Expansão da cidade de São Luís do Eng. Ruy Ribeiro de Mesquita (1958)*. São Luís: Fapema.
- LUZ, J. S. (2004) *Lutas por moradias e expansão do espaço urbano na cidade de São Luís*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- MACNICOLL, M. G. (1978) Seventeenth century Maranhão: Beckman's revolt. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 129-140.

- MALUF, R. S. (1977) *A expansão do capitalismo no campo: o arroz no Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Unicamp, Campinas.
- MARQUES, C. A. (1970 [1870]) *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fon-Fon & Seleta.
- MARQUES, F. É. S. (1999) *Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi*. São Luís: Imprensa Universitária.
- MARQUES, M. T. C. (2002) *Condições de habitabilidade no Centro Histórico de São Luís-MA: estudo das atividades comerciais e de serviços necessárias e das atividades incompatíveis*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – UFPE, Recife.
- MARTINS, G. S. (2016) *O centro de artes cênicas do Maranhão (CACEM): memórias, reflexões e desafios da formação do ator em São Luís (1997-2007)*. Dissertação (Mestrado de Artes) – UFU, Uberlândia.
- MATTOS JUNIOR, J. S.; ESPANHOL, A. N. (2012) Os assentamentos rurais no Maranhão no contexto do Plano Nacional de Reforma Agrária. In: CASTRO, C. E.; PORTO, Í. M. R.; MATTOS JÚNIOR, J. S. (org.). *Geografia, território e paisagens*, São Luís: EDUEMA. v. 1, p. 249-260.
- MEIRELES, M. M. (1964) *São Luís, Cidade dos Azulejos*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda.
- MEIRELES, M. M. (1982) *Os negros do Maranhão*. São Luís: EdUFMA.
- MESQUITA, R. R. (1958) *Plano de expansão da cidade de São Luís*. São Luís (S/n).
- MIRANDA, A. C. P. (2011) *Povos e comunidades tradicionais: análise do processo de construção sociológica e jurídica da expressão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.
- MONTELLO, J.; RAMALHO, M. (1977) A presença da História nas ruas de São Luís. *Revista Geográfica Universal*, São Paulo, jul.
- MOREIRA, R. (2014) *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Contexto. v. 3.
- MOREIRA, T. S. (2013) *Gestão Metropolitana: a Região Metropolitana da Grande São Luís e desafios das políticas urbanas*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – UEMA, São Luís.
- MOURA, J. D. A. (1926) A Ilha de São Luís. *Geografia e História*, São Luís, n. 1, p. 21-27.
- MOURA, J. D. A. (1953) Os municípios maranhenses. *Revista da Sociedade de Estudos Maranhenses*, São Luís, n. 2, p. 104-107.
- MOURA, P. (1936) Rio Gurupi, Estado do Maranhão. *Boletim do Serviço Geográfico e Mineral Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 78.
- MOURÃO, L. M. B. (1976) Campesinato e terras livres no Maranhão. *Caderno do CEAS*, [S. l.], v. 46, p. 23-27.
- NIMUENDAJÚ, C. (1946) *The Eastern Timbira*. California: University of California Press.
- PACHÊCO, D. F. C. (1968) *História Eclesiástica do Maranhão*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado.
- PAIVA, G. (1937) Ouro e bauxita da Região do Gurupi. *Boletim do Dep. Nacional de Prod. Mineral*, Rio de Janeiro, n. 11.
- PALHANO, R. N. S. (1983) *O poder público e a questão do desenvolvimento econômico maranhense (1956-1963)*. São Luís: IPES.
- PAULRAJ, K. D. (2013) *Jamaica Brasileira – The politics of reggae in São Luis, Brasil, 1968-2010*. Thesis (Philosophy) – University of Pittsburgh, Pittsburgh.
- PAXECO, F. (1922) *Geografia do Maranhão*. São Luís: Typogravura Teixeira.
- PERDIGÃO, D. C. (1918) *O que se deve comer: adaptação do sistema de alimentação vegetariana para uso dos brasileiros*. Maranhão: J. Pires & Cia.
- PEREIRA, M. N. (1947) *Casa das minas: contribuição aos estudos das sobrevivências daomeianas no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, Rio de Janeiro. v. 1.
- PIRES, F. (1975) *O arroz no Maranhão*. São Luís: Sioge.
- RANGEL, I. M. (1989) Maranhão: antigo e novo. *Revista FIPES*, São Luís, v. 4, n. 1, p. 17-25.

- RIBEIRO, A. C. T. (2005) Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Cátia A. (org.). *Formas em crise: utopias necessárias*. Rio de Janeiro: Arquimedes. p. 1-13.
- RIBEIRO JUNIOR, J. R. B. (1999) *Formação do espaço urbano de São Luís: 1612 – 1991*. São Luís: Edições FUNC.
- RIBEIRO JUNIOR, J. R.; CRUZ, A. J. A.; ANTIPON, L.C. (2021) Fome e modernização no Maranhão: os projetos de desenvolvimento em Itaqui – Bacanga e o comprometimento das práticas alimentares na comunidade de Camboa dos Frades (São Luís) (1970-2021). *Revista Ciência Geográfica*, Bauru, v. 25, n. 4, p. 1218-1235.
- RODRIGUES, R. N. (1935 [1900]) *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RODRIGUES, R. N. (1935 [1905]) *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- RODRIGUES, E. F. (1971) As funções regionais e as zonas de influência de São Luís. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 33, p. 67-99.
- RODRIGUES, Z. M. R. (2010) *Sistema de indicadores e desigualdade socioambiental intraurbana de São Luís-MA*. Tese (Doutorado – Geografia Humana) – USP, São Paulo.
- ROSA, M. A. M. (1996) *Políticas de Educação Tecnológica no Maranhão: o caso do CEFET*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- SANTOS, E. R. (2007) *Hip hop e educação popular em São Luís: uma análise da organização “Quilombo Urbano”*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMA, São Luís.
- SANTOS, J. M. (2017) *Cinema engajado no Maranhão: interfaces com a educação popular*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMA, São Luís.
- SANTOS, M. (1977) A formação socioespacial como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-100.
- SANTOS, M. (1996) *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (2001) *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record.
- SERRA, A. (1965) *Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SHAW, E. W.; WRIGHT, W. H.; DARNELL Jr., J. L. (1925) Mineral Resources of Maranhão, Brazil, *Economic Geology*, McLean, v. 20, p. 723-728.
- SHAW, E. V.; DARNELL Jr., J. L. (1926) A frontier region in Brazil – Southwestern Maranhão. *Geographic Review*, Hoboken. 16, n. 2, p. 177-195.
- SILVA, C. B. R. (1995) *Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor: reggae, lazer e identidade cultural*. São Luís: EdUFMA.
- SILVA, H. (1976) Mudança de população: um estudo de pequenas cidades dos estados do Maranhão, Pernambuco e São Paulo no Brasil. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 250, p. 5-36.
- SILVEIRA, M. L. (1999) Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 21-27.
- SOUSA, J. U. P. (2011) Dois equívocos sobre o planejamento público do Estado do Maranhão. *Cadernos de Pesquisa*: UFMA, São Luís, v. 18, n. 3, p. 54-64.
- SOUSA, S. M. (1996) *Reforma Sanitária no Maranhão: mudança e conservação no processo de organização e de gerenciamento dos serviços de saúde*. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA, São Luís.
- STUDART FILHO, C. (1959) *Fundamentos geográficos e históricos do Estado do Maranhão e Grão Pará*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- TAVARES, L. F. (2012) *A Ilha e o tempo: séculos e vidas de São Luís do Maranhão 1612-2012*. São Luís: Geia.
- TERRA, A. (2017) Conflitos socioambientais na gestão do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: o caso das comunidades Tratada de Cima, Tratada de Baixo e Buritizal. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 37, p. 244-262.
- TROVÃO, J. R. (1989) *“Ilha” latifundiária na Amazônia Maranhense*. São Luís: EdUFMA.

- TROVÃO, J. R. (1994) *Transformações sociais e econômicas no espaço rural da Ilha do Maranhão*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Rio Claro.
- TROVÃO, J. R. (2008) O processo de ocupação do território maranhense. *Cadernos IMESC*, São Luís: IMESC, 5.
- TSUJI, T. (1981) *O desafio tecnológico das regiões menos desenvolvidas: o caso do Maranhão*. São Luís: EdUFMA.
- VALE, J. S. (1944) *Geografia do Maranhão*. São Luís: Gráfica Tribuna.
- VALVERDE, O. (1957) Geografia econômica e social do babaçu no Meio-Norte. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 1, p. 381-420.
- VALVERDE, O. (1963) O arroz no Maranhão. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 1-29.
- VERGER, P. (1990) Uma Rainha Africana Mãe de Santo em São Luís. *Revista USP*, São Paulo, n. 6, p. 151-158.
- VIEIRA FILHO, D. (1971) *Breve história das ruas e praças de São Luís*. São Luís: Editora Olímpica.
- VIEIRA FILHO, D. (1954) Estudos geográficos no Maranhão. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 119, p. 209-221.
- VIVEIROS, J. (1954) *História do comércio do Maranhão (1612-1895)*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão. 5 v.
- WAIBEL, H. L. (1955) As zonas pioneiras do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 87-121.
- WALL, M. (2002) *As razões, as paixões, as contradições, de morar no lugar antigo: uma investigação sobre o habitar contemporâneo no patrimônio cultural urbano*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – UFPE, Recife.
- WALL, M. (2017) A cidade dispersa no Brasil: o caso de São Luís, Maranhão. *The Journal of Urbanism*, Roma, n. 34, v. 1, p. 3-7.
- WALLE, P. (1910) *Au Brésil: Du São Francisco a l'Amazone*. Paris: Gulmoto.
- WELLS, J. W. (1876) Notes of a journey from the River St. Francisco to the River Tocantins and to the City of Maranhão. *Journal of the Royal Geographical Society*, [S. l.], v. 46, p. 308-328.